

Praça Velha - Revista Cultural da Cidade da Guarda

Ano XIII | N.º 29 | 1ª Série | Junho 2011

Publicação Semestral

Edição: *Núcleo de Animação Cultural | Câmara Municipal da Guarda*

Direcção: Virgílio Bento, *Vice-Presidente da Câmara Municipal da Guarda*

Coordenação: Alexandra Isidro

Conselho Editorial: Américo Rodrigues; Antonieta Garcia; António José Dias de Almeida; Helder Sequeira;
José Manuel Trigo Mota da Romana; Mário Cameira Serra; Vítor Pereira

Produção Executiva: Ana Leonor Pereira da Silva; Ana Maria Barbosa; Paula Cristina Cunha

Foto de Capa: Arquivo de Arménio Bernardo

Depósito Legal: 226332/05

I.S.S.N.: 0873-8343

Book design, composição e impressão: Marques & Pereira Lda

Tiragem: 1000 exemplares

Telefone: 271 205540 | Fax: 271 205546
E-mail: cultura@mun-guarda.pt / nac.guarda@mun-guarda.pt

A Câmara Municipal da Guarda respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas.

AS PLACAS EPIGRAFADAS DA IGREJA
DA MISERICÓRDIA, NA GUARDA



José d'Encarnação

CEAUCP – Universidade de Coimbra ¹

RESUMO

Chama-se a atenção para a importância documental dos dizeres pintados nas placas afixadas na face interior da fachada da igreja da Misericórdia da cidade da Guarda.

Destinadas a perpetuar a benemerência de pessoas para com a Santa Casa e a suscitarem também, dessa forma, a ocorrência de mais donativos, elas podem servir de pista para outras investigações acerca do papel que essas pessoas desempenharam, no seu tempo, na cidade.

Procura-se demonstrar como, mais uma vez, os documentos epigráficos constituem valiosa fonte para o estudo da história local.

«Desde menino, já lá vão tantos anos, que aqueles pequenos quadros, que mal conseguia ler, tão altos eles ficavam, me impressionavam. Quem seria aquela gente, que eu não conhecia, e o que teriam feito para ali serem lembrados? E quantos de nós não nos teremos posto já também essa interrogação [...]?».

Despertaram-me interesse logo que, pela primeira vez, entrei na igreja da Misericórdia da Guarda. E, tal como o autor do texto transcrito,² considero que vale a pena, como historiador e epigrafista, voltar a chamar a atenção para essas placas de madeira com inscrições pintadas.³

1. Introdução

«Quem entra na igreja da Misericórdia mal dá conta de uns pequenos quadros que se encontram pendurados na parede, de um e de outro lado da porta principal. Contudo, ao sair, porque nos ficam mesmo de frente, já a situação é

bem diferente, mas sem que isso seja razão suficiente para nos demorarmos um pouco mais e podermos ficar a saber do que se trata» – escreve Francisco Manso, logo no começo da sua peça. E promete, mais adiante, que, «ao longo de vários artigos», irá, «para além da mera identificação dos seus autores», «sempre que possível, dar alguns dados biográficos e aspectos relevantes das suas vidas» «não apenas por questão de curiosidade – também a terá – mas, essencialmente, por uma questão de reconhecimento perante aqueles que praticaram o bem e não merecem ser esquecidos». ⁴

Está indicado no referido artigo o texto de todas e cada uma das tábuas inscritas, pelo que para ele há que remeter. Irei, pois, cingir-me a três aspectos, que ilustram, a meu ver, a importância das epígrafes como fontes para a História e, neste caso, para a História local: a razão de ser do gesto; os dados históricos; e, por fim, alguns apontamentos sobre o que pude apurar acerca de algumas das personalidades mencionadas.

2. A epígrafe como recompensa e como incentivo

Desconheço – e é este o primeiro tópico de investigação que sugiro – se há noutras zonas do distrito da Guarda ou mesmo do País este hábito de mandar lavar placas a perpetuar um legado à Misericórdia. Reconheça-se, porém, que se trata, na verdade, de um gesto meritório, que evoca, sem dúvida, pela tipologia do suporte, as tábuas de milagre, frequentes nas ermidas por todo o País, em que alguém agradece a um santo o milagre que lhe concedeu. Nestas, para além do texto explicativo, há também ingénuas imagens elucidativas, eloquentes testemunhos de uma devoção e de uma significativa arte popular. ⁵ Aqui, apenas o nome, a data da morte e a singela especificação do legado feito:

D. ADELAIDE SOFIA OUTEIRO
PATRÍCIO GIL
FALECEU 30 de DEZEMBRO 1953
LEGOU à SANTA CASA da
MISERICORDIA
_____ Esc. 23.000\$00

D. HERMINIA AUGUSTA
MENDONÇA
FALECEU EM 15 DE MAIO DE 1924

----- O -----
Legou á SANTA CASA DA MISERICORDIA
UMA CASA DE ALTOS E BAIXOS NA RUA D. DINIZ
NA GUARDA

D^R BERNARDO
XAVIER FREIRE
FALECEU EM 7 DE SETEMBRO de 1930

----- O -----
Legou á SANTA CASA DA MIZERICORDIA
Para despesas do seu Hospital
Esc 40.000\$00

Sirvam-nos estes três exemplos (que se ilustram com as respectivas imagens - figuras 1 a 4) para se ter uma ideia da simplicidade com que tudo é feito. Na verdade, apenas de alguns se dá uma informação maior: de Jovita Rodrigues Lopes se menciona também a data de nascimento na Guarda (28 de Fevereiro de 1879); do Padre Joaquim Tourais, «natural da Aldeia da Ponte», se anota que foi «professor de Latim»; foi notário apostólico o Padre Lúcio Bernardo de Almeida, falecido a 28 de Setembro de 1892; Manuel Pedro era natural dos Chãos.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

As duas placas mais antigas – siga o rol de vinte e duas apresentado no artigo de 1 de Janeiro de 2009 – datam de 1892, seguindo-se-lhes uma, do ano seguinte; a mais recente é de 1953. De 1909 há uma; da 2ª década do século XX, duas; da década de 20, três; da de 30, cinco; cinco também da década de 40. Não parece, pois, que se tenha registado nem um hiato nem um período de maior

esplendor, digamos assim. Por outro lado, as diferentes Mesas Administrativas terão mantido esse hábito e é natural que só a partir de determinada quantia ou valor se pensasse na oportunidade de mandar gravar placa memorativa.

Aliás, importará, chegados a este ponto, colocarmos a questão da finalidade deste gesto ou, vendo doutro prisma, das motivações que lhe estão por detrás.

No que respeita às datas e atendo-nos à amostra de que dispomos, não se pode, de facto, estabelecer uma relação de causalidade, por exemplo, em relação a uma época de penúria em especial. Assim, no que respeita ao período da II Grande Guerra, temos doações em 1942, 1944, 1946 e 1948. Ou seja, o acto é pessoal e não tem que ver com uma atitude generalizada. Contudo, importa frisá-lo, o intuito da Mesa Administrativa é não apenas o de enaltecer o gesto: é também, por via desse enaltecimento, levar outros a terem gesto igual, sabendo nós como – e isso ocorre nos nossos dias – as Misericórdias sempre viveram, de modo muito especial, dos legados que receberam para poderem pôr em prática as obras de misericórdia, fim último e essencial para que foram criadas.

A proclamação pela via da escrita, em placas penduradas na parede da igreja, visíveis, pois, quando os fiéis, saídos do Santo Sacrifício, mais disponíveis estavam a dar esmola, a contribuir para a missão sagrada de que ora mesmo tinham acabado de ouvir falar, revestia-se, pois, de mui sábia estratégia bem pensada.

Não disponho de elementos, como disse, que me permitam saber se este costume foi adoptado por outras misericórdias; se ainda hoje disso há testemunhos; se nos próprios livros de actas das reuniões da Santa Casa da Misericórdia da Guarda – reuniões da Mesa Administrativa e Assembleias-gerais – disso haverá menção. Seria interessante sabê-lo.

Em todo o caso, permita-se-me que assinale de novo o uso privilegiado da mensagem epigráfica para, com carácter duradouro, se transmitir uma ideia e perpetuar a benemerência duma acção. No fundo, estas placas mais não são do que um veículo singelo, económico, a condizer com a pobreza apanágio da Santa Casa, condigno substituto de mais sofisticada placa de mármore, a implicar gravação em oficina de canteiro, ou de ainda mais pomposa estátua ou mero busto celebrativo.

3. Os dados históricos

Na sua gritante simplicidade, as 22 placas de pouco nos podem esclarecer.

De facto, para além da referência a quatro sacerdotes – um deles, como se viu, notário apostólico – e ao cónego Camilo, que se disponibilizou a pagar a placa do Padre Lucas Esteves, só temos referência ao facto de um desses sacerdotes, o Padre Joaquim Tourais, natural de Aldeia da Ponte, ter sido professor de Latim, não se especificando onde, mas pressupondo-se que no seminário diocesano. Por conseguinte, nada se poderá deduzir acerca do estatuto social dos doadores, a não ser que, com base noutras fontes, venhamos a ter informações complementares – e já o ensaiaremos de seguida. Sim, há dois licenciados – o Dr. António Augusto Proença e o Dr. Bernardo Xavier Freire, não se especificando, porém, quais as respectivas licenciaturas.

Há, no entanto, informações que poderão ser sugestivas. Claro que dádivas em dinheiro para as despesas do hospital são normais e, outros dados não houvera, por aí se saberia que a Misericórdia da Guarda teve hospital, a funcionar nas datas a que as dádivas se referem: desde, pelo menos, 1921 (a primeira referência) a 1948 (a última). Natural é que as outras quantias hajam sido destinadas também para esse fim, porque era o hospital o lugar privilegiado para cumprimentos das obras de misericórdia.

Não deixará, contudo, de ser interessante, até do ponto de vista da linguagem falada, verificar que alguém doa «metade de uma casa», uma «casa com passadiço» ou «uma casa de altos e baixos». Significativa esta última expressão, ainda hoje em uso, pois visa explicitar que a casa em apreço tinha dois pisos: o inferior, destinado, por exemplo, a arrecadações ou arrumos; e o superior para habitação propriamente dita. Quanto ao «passadiço», trata-se de uma passagem, um corredor entre (possivelmente) dois edifícios, o direito a serventia. Tudo isso estaria, claro, mais detidamente descrito na escritura notarial; e aí está, também, mais uma pista de investigação de história local: cotejar com este rol o que ainda porventura haverá no Arquivo Distrital.

Um outro tema de investigação poderá situar-se no domínio económico: que representavam, afinal, em termos de relevância proporcional, as quantias que ali, em determinada época, são referidas? Ou seja, a pesquisa acerca do nível de vida, do preço de alguns produtos ao tempo em que as doações foram feitas, poderá dar-nos uma ideia da real valia do que foi doado, pois todos sabemos que, por exemplo, a inicial equivalência do euro a duzentos escudos já hoje (2011) não faz sentido nem corresponde à realidade...

4. Algumas das personalidades referidas

Correndo muito embora, como disse, o risco de repetir o que porventura sobejamente se sabe no quadro da historiografia da cidade da Guarda, em que ora me comporto como intruso, não quero, porém, deixar de anotar os dados que a pesquisa me facultou acerca de algumas das personalidades immortalizadas nas placas da igreja da Misericórdia da Guarda. Mero exercício que mais não visa, afinal, que mostrar como a Epigrafia pode – em consonância com outras ciências ditas ‘auxiliares’ da História – ajudar a dar maior brilho ao que vem inscrito em quase apagada placa, pendurada em sítio mal iluminado.

De mais de metade dos nomes referidos não parece ter-se encontrado, até ao momento, outra qualquer referência digna de nota que ajude os seus portadores a saírem desse quase anonimato a que foram votados. De outros, porém, acaba por se saber um pouco mais.

4.1 Adelaide Sofia Outeiro Patrício Gil

«Falecida em 30 de Dezembro de 1953», como se diz na placa, é a benfeitora mais recente que a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia assim decidiu homenagear. Trata-se, como se sabe, da esposa do poeta Augusto Gil, natural da Guarda.⁶ O casamento celebrara-se no Natal de 1912, na capela de S. Pedro, cerca de vinte anos após o início do namoro.

O jornal *O Setubalense* noticia a sua morte, na edição de 2 de Janeiro seguinte, sob o título «Da vida que passa»: «Faleceu há dias na cidade da Guarda, a Ex.^a Sr.^a D. Adelaide Sofia Patrício Gil, viúva do grande poeta Augusto Gil e extremosa tia do nosso bom amigo, Sr. Dr. Carlos Patrício Paul».

O seu legado, de 23 contos, nesse dealbar da década de 50 do século passado, pode considerar-se já uma quantia avultada para a época, em que um ordenado mensal de um conto de réis (quanto me é dado recordar) já se poderia considerar situável acima da média.

4.2 Dr. Bernardo Xavier Freire

Natural de Aldeia do Bispo, onde nasceu a 10 de Fevereiro de 1843, vemo-lo a cursar Direito em Coimbra, para onde foi após os estudos liceais feitos na

Guarda. De facto, o seu nome consta na *Relação e Índice Alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu no ano lectivo de 1864 para 1865 com suas filiações, naturalidades e moradas e com a designação da diversas cadeiras e disciplinas, e dos lentes e professores respectivos*, livro publicado pela Imprensa da Universidade em 1865. Está na pág. 13 de Direito, com o n.º 52 (em 61 estudantes), dele se dizendo que é «filho de Paes incognitos, natural da Guarda», e que reside no Beco das Flores. Cursa, nesse ano, Direito Publico Universal e Direito Publico Portuguez, assim como Direito Romano; não figura, porém, na cadeira de Economia Política e Legislação de Fazenda, que é também do 3.º ano da licenciatura, mas tem apenas 8 inscritos.

No n.º 24 desse mesmo Beco das Flores reside no ano lectivo de 1866-1867, como consta do *Anuario da Universidade de Coimbra* (Imprensa da Universidade 1866), estudante do 4.º ano de Direito (p. 52, com o n.º 45); mas, no 5.º ano, frequentado em 1867-1868, já muda para o n.º 46 desse beco. É, então, o n.º 44 entre 51 estudantes e estuda *Processos Civis...* (p. 80 do *Anuário* desse ano) e dele se diz já que é «filho de pae incógnito» (e não «de Paes incognitos»).

É, pois, na cidade da Guarda que virá a desenvolver toda a sua actividade. E tomo a liberdade de me socorrer do texto que a Dra. Dulce Helena Pires Borges teve a amabilidade de pôr à minha disposição:⁷

«Em termos políticos foi um dos fundadores do Partido Progressista tendo sido deputado em 1879. Na Guarda foi director e um dos fundadores do jornal *Districto da Guarda*, órgão deste partido. Na sua actividade profissional desempenhou diversos cargos públicos como Juiz de Direito, Tesoureiro Pagador do Distrito, delegado do Ministério Público, tendo ainda exercido funções lectivas.

Bernardo Xavier Freire foi um ilustre guardense, filantropo, benemérito, culto e devoto às causas sociais e públicas.

Com Francisco dos Prazeres, Francisco António Patrício e outras figuras de relevo, esteve ligado à Fundação do Asilo Distrital da Mendicidade e do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, procurando promover sempre o progresso da sua cidade.

Lutou nos meios políticos pela concretização de projectos essenciais à melhoria das condições de vida das pessoas, coadjuvando muitos dos empreendimentos com os seus meios financeiros.

A cidade da Guarda reconheceu ainda durante a sua vida o elevado contributo

dado à cidade e ao concelho. Foi homenageado, em 1925, com a atribuição do seu nome à rua onde residia.⁸ Homem de grande fortuna, mas sobretudo de grandes qualidades humanas, legou [...] às instituições sociais e assistenciais da cidade: Hospital Francisco dos Prazeres, Asilo de Infância, Associação Humanitária de Bombeiros, Lactário Dr. Proença e aos pobres, significativas importâncias monetárias».

Há referência aos saraus musicais que proporcionava em sua casa (Borges, 2004, p. 30) e posso acrescentar que, no âmbito da sua actividade política, o Dr. Bernardo Xavier Freire, foi o 1º membro efectivo da comissão distrital, constituída por três membros efectivos e três substitutos, eleita, a 15 de Janeiro de 1899, nos Paços do Concelho. Estava, então, prestes a completar 56 anos.

Também Francisco Pires Manso, sob o título «Um grande benemérito», publicou uma nota biográfica na edição de 8 de Março de 2007 de *Terras da Beira*, para realçar «o contributo que deu para que o Hospital da Guarda fosse uma realidade» e «o seu papel no desenvolvimento do Distrito e em particular do Concelho da Guarda». Aliás, já na edição de 21-12-2006, referira que o Dr. Bernardo Xavier Freire «conseguiu que o capelão militar Pompeu das Neves, residente em Lisboa mas natural da Guarda, fizesse em testamento o importante legado de 7.500\$00 réis. Entre outras dádivas valiosas ofereceu todo o mobiliário da enfermaria destinada a homens». Conta ainda que, na sua terra natal, onde, por exemplo, custeou «o restauro da sua bela igreja matriz», tendo sido dado «o seu nome ao principal largo da aldeia», depois do 25 de Abril, parece que tudo isso foi esquecido e o largo passou a ter «o nome de um recente presidente da Câmara»!...

4.3 Amélia Augusta da Paixão

Nasceu na Guarda a 6 de Julho de 1854, tendo, pois, falecido com 80 anos, a 8 de Fevereiro de 1935.

Filha de Joaquim da Paixão Borrego e de Josefa Joaquina Rebelo, nunca chegou a casar, tendo optado por acompanhar o seu irmão, Padre Carlos da Paixão Borrego, no seu múnus sacerdotal.

Dela se diz que foi «senhora de esmerada educação e virtudes, católica praticante até ao fim da sua vida» e que, além do que legou à Misericórdia, «deixou em testamento considerável óbolo a várias instituições de caridade».⁹

4.4 Dr. António Augusto Proença

Em texto de opinião exarado em *Terras da Beira*,¹⁰ Pinharanda Gomes – a propósito de Nuno de Montemor ter preferido dar ao Lactário que criara na cidade da Guarda «o nome de quem fora “pai dos pobres” na cidade, o dr. António Augusto Proença (tio), que faleceu em 1932 e que, com sua irmã D. Amélia, doou toda a sua pequena fortuna (uma casinha no Campo de S. Francisco) ao Lactário» – sintetiza assim a vida deste benemérito:

«O Dr. Proença viveu pobre e morreu pobre, alma de eleição, médico dos pobres e médico primeiro do Lactário, sem qualquer espécie de benefícios materiais».

E acrescenta:

«Bem gostava eu de saber se o Dr. António Augusto Proença já tem alguma rua na cidade. Oxalá a tenha, porque os poderosos são mal agradecidos».

Pelo que pude pesquisar... não tem! Recorda-o a placa da igreja da Misericórdia, onde se diz que legou 10.000 escudos para o hospital!

4.5 Padre Joaquim Tourais

Foi ‘professor de Latim’, reza singelamente a placa da igreja. No entanto, ao fazer a história do Liceu Nacional da Guarda,¹¹ cujo auto de instalação data de 3 de Agosto de 1855 e que, em Maio de 1860, se transferiu para o edifício do Seminário da Guarda, Emília Amador refere que, aí, «as disciplinas de Desenho e Introdução às Ciências Naturais começam a ser ministradas na década de 70»; e acrescenta: «O padre Joaquim Tourais acumulava a regência das Ciências Naturais com as cadeiras de Latim e Latinidade» (p. 87).

Não é de admirar tal circunstância, porque no mesmo estudo se dá conta (p. 152) de que «o facto de os membros do clero poderem reger tanto disciplinas da área de Letras como da área científica levou, em 1887, Ferreira Deus, professor do Curso Superior de Letras, a afirmar que o Estado português deveria vir a constituir novas escolas de formação de professores, com novos métodos científicos».

Em todo o caso, a circunstância de o Padre Joaquim Tourais ter sido solicitado a leccionar disciplinas de ambos os ramos científicos prova, não há dúvida, a sua capacidade e mérito. Por outro lado, uma futura investigação sobre a sua

actividade sacerdotal e lectiva poderá esclarecer a razão do seu apelido: apesar de ele ser natural da Aldeia da Ponte (Sabugal), terá a sua família sido oriunda da vetusta vila de Tourais, do concelho de Seia?

4.6 Padre Lúcio Bernardo de Almeida

Da actividade deste sacerdote não encontrei, até ao momento, nenhuma outra referência, para além da que vem explícita na placa: foi notário apostólico.

Notário apostólico¹² era todo aquele que «com autoridade do Pontífice e confirmação do Diocesano, recebe e despacha actos em matéria espiritual». Havia também o protonotário apostólico,¹³ «dignidade que o Papa concede, com atribuições prelatícias e jurisdicionais, isenção dos Ordinários, etc.». Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo foi notário apostólico, em 1791; o pai de João Calvino foi notário apostólico também. Trata-se, por conseguinte, atendendo até à quantidade de referências que se encontram a personagens que o ocuparam, de um cargo de relevância, nomeadamente na carreira sacerdotal.

4.7 Padre Joaquim António do Pina

Faleceu a 3 de Dezembro de 1921 e legou 300\$00 ao hospital da Misericórdia. Nada mais dele se sabe; contudo, poderá ter laços de parentesco com um Joaquim António de Pina, de quem se sabe que casou com Maria Carolina, da qual, em 1892, teve um filho, António de Pina, natural da Guarda.

4.8 Manuel Teles Rato

Faleceu a 25 de Março de 1944 e legou 10.000\$00 à Misericórdia. Tive ensejo de falar, a 14 de Março de 2011, com o seu sobrinho e afilhado (por isso tem o mesmo nome), que se encontra estabelecido no Sabugal, com «comércio a retalho de tintas, vernizes e produtos similares, em estabelecimentos especializados». Guarda de seu tio, cuja família era oriunda do Teixoso (Covilhã), as melhores recordações. Sabe que ele foi para a Guarda como empregado de comércio e, depois, ali viria a estabelecer-se numa loja frente à sé, sendo muito conceituado e estimado pela população: «Lia muito, era homem de muito respeito». Manuel Teles Rato, sobrinho, que referiu a existência da placa na igreja da Misericórdia,

fez questão em afirmar, emocionado, que seu pai dera cumprimento a tudo quanto seu tio determinara por testamento.

5. Conclusão

Não foi, obviamente, minha intenção embrenhar-me profundamente pela história das personalidades cujos nomes figuram nas placas de homenagem patentes na parede interior da entrada da igreja da Misericórdia da cidade da Guarda. Para além da verificação de que, porventura, a maioria não deixou outro ‘rasto’ da sua existência, três objetivos fundamentais me nortearam:

1º) Demonstrar como, em todos os tempos, a gravação de uma lápide em material duradouro – mesmo que esse material, como é o caso, seja a madeira com uma inscrição pintada – constitui uma das formas mais eficazes de fazer perdurar uma memória.

2º) Documentar que essas linhas singelas veiculam uma mensagem, onde, se importa esclarecer o seu significado explícito, há também – e, diria, sobretudo! – o significado implícito, a intenção que a ela subjaz.

3º) Mostrar que a partir daí, vasculhando arquivos, passeando-nos inclusive por entre as lápides dos cemitérios, concatenando referências dispersas, é possível ficar a saber mais das pessoas que fizeram história na nossa cidade.

Investigação sempre oportuna, como facilmente se percebe; mais oportuna, quiçá, nos tempos que correm, em que importa mostrar como foi através do esforço, da abnegação, do dinamismo dessas pessoas – e não de números ou de estatísticas... – que se logrou ir construindo a comunidade de cidadãos em que estamos inseridos. O seu exemplo tem de frutificar!

| BIBLIOGRAFIA |

- Amador, Maria Emília Diogo de Andrade Beirão, *O ensino experimental da Física nos liceus até ao segundo quartel do século XX*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007. Acessível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/.../EmiliaAmador_TESE_12NOV07.pdf.
- Borges, Dulce Helena, *Guarda – Roteiros Republicanos*, Matosinhos, 2010.
- Garcia, Lima, “Liceu Afonso de Albuquerque”, in Ferreira, Jaime A. Couto [coord.], *A Guarda Formosa na Primeira Metade do Século XX*, 2ª edição (revista), CEI/Câmara Municipal da Guarda, Dezembro 2004, pp. 364-381.
- Gomes, Pinharanda, “O melhor livro de Nuno de Montemor”, *Terras da Beira*, 24 de Dezembro de 1998.
- Manso, Francisco, “Os Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia”, *A Guarda*, 1-1-2009.
- Saraiva, António M. M., *Guarda – Apontamentos Gráficos e Urbanos*, Guarda, Dezembro 2004.
- Silva, Antonio de Moraes, *Diccionario da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1831.

| NOTAS |

- 1 A preparação deste texto insere-se no quadro da investigação levada a efeito como membro do grupo “Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages” do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade de Investigação 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).
- 2 O texto, de Francisco Manso, foi publicado no Semanário Católico Regionalista *A Guarda*, na sua edição de 1-1-2009, na secção **destaque**, sob o título «Os Benfeitores da Santa Casa das Misericórdias». Consultei-o em 2011-03-13, pois se encontra acessível em: <http://www.jornalaguarda.com/index.asp?idEdicao=282&id=14370&idSeccao=3587&Action=noticia>.
- 3 Anote-se que não será tão pouca, como poderia pensar-se, a curiosidade que esse inusitado conjunto de placas suscita. Vamos encontrar, por exemplo, em http://flickr.com/photos/ana_rita/192159640/ [consultado em 2011-03-13] a magnífica foto de uma delas, a de Herminia Augusta Mendonça, com referência, em inglês, aos dizeres que ostenta.
- 4 Francisco Manso teve a gentileza de me comunicar, a 13-03-2011, que ainda não lograra dar seguimento a este seu propósito.
- 5 Cumpre recordar a exposição **Do Gesto à Memória | Ex-Votos** que o Museu da Guarda em associação com o Museu de Lamego e o Museu de Grão Vasco organizou – e dela publicou elucidativo catálogo – de 26 de Novembro de 1998 até 14 de Março de 1999, tendo como «objectivo a divulgação do património cultural de matriz religiosa e popular concretamente definido como os Ex-Votos da Beira Alta».
- 6 O Museu da Guarda evocou os 80 anos do passamento do poeta (morreu a 26 de Fevereiro de 1929), com uma exposição sobre a sua vida, que esteve patente de 26 de Fevereiro a 12 de Abril de 2009. Acrescente-se que por curiosidade (e escrevo «por curiosidade», porque por estas decisões que Lisboa toma em gabinete, sempre desgarrada da realidade concreta do País, se anuncia que a actividade «área projecto» vai ser banida das escolas...), pude ler [2011-03-13], em <http://topodamontanha.blogspot.com/>, que alunos do 9ºA da Escola Carolina Beatriz Ângelo, sob orientação do Professor José Alves, se propõem «elaborar biografias e ficar a conhecer melhor diversas pessoas que, quer a nível político, social e cultural tiveram um grande impacto na nossa cidade, a Guarda»; e, logo em 23.11.2010, apresentaram uma síntese da biografia de Augusto Gil.
- 7 Trata-se de uma nota biográfica, que coligira em colaboração com o António José Ramos de Oliveira, destinada à obra *Guarda – Roteiros Republicanos*, mas que acabou por não poder ser incluída por falta de espaço. Aproveita-se, pois, o ensejo para, agradecendo a pronta colaboração, dela se dar conhecimento.

8 Reproduz-se, com a devida vénia, a bonita placa toponímica (Fig. 5), imagem que vem no livro de António Saraiva citado na bibliografia.



Fig. 5

9 Fonte: <http://pagfam.geneall.net/1329/pessoas.php?id=1022845> [consultada em 2011-03-13], onde se cita, como documentação de apoio, a certidão de óbito (Registo Civil da Guarda, anotado no Livro de Registo de Emolumentos, sob o n.º 8004).

10 Edição de 24 de Dezembro de 1998, que pude consultar, em 2011-03-13, no endereço <http://www.freipedro.pt/tb/241298/opin4.htm>. O artigo tem o título «O melhor livro de Nuno de Montemor».

11 Pp. 86-88 da sua tese de mestrado. A informação foi colhida, conforme a autora teve a gentileza de me informar (e lhe agradeço), no artigo de Lima Garcia (p. 368).

12 Cf. *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, Lisboa, 1831, s. v. «Notário» (tomo II, p. 362).

13 Vide *ibidem*, p. 539, s. v. «Protonotário».